



CENAS URBANAS: PROCESSOS DE OCUPAÇÃO DAS RUAS PELOS SKATISTAS DA CIDADE DE RIO GRANDE/RS¹

Juliana Cotting Teixeira
Méiri Rosane Santos da Silva

RESUMO

Os skatistas têm se tornado cada vez mais presentes nas cidades tornando evidente uma série de efeitos no que se refere as suas ocupações das ruas. Nesse sentido, esse estudo visou mapear processos de ocupação das ruas pelos skatistas da cidade de Rio Grande/RS, atentando aos efeitos e relações que esses vêm produzindo junto à cidade e nos seus modos de viver. A cartografia filosófica foi utilizada como referencial teórico-metodológico. Destaco linhas de normalização operadas pelos skatistas nas suas relações com o espaço urbano da cidade e entre eles mesmos, apresentando possibilidades de linhas de fuga diante de uma trama marcada pelo desejo de normalizar no e pelo espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Skatistas; Cidade; Normalização.

MOVIMENTOS DE PESQUISA

Mesmo com as inúmeras possibilidades de leitura e de leitores deste texto, arrisco dizer que, algumas vezes, já nos deparamos com situações cotidianas envolvendo um skatista ou seu artefato, o carrinho². Se nossas moradias e locais de passagem e circulação estiverem assentadas em centros urbanos, as chances de vivenciarmos suas presenças aumentam (DATA FOLHA, 2009). De acordo com matéria da revista “Cemporcento Skate”, de março de 2012, “somos quase 4 milhões de skatistas espalhados em todo território nacional, 20% de aumento com relação ao último levantamento, de 2006”³.

Assim, emergem focos de skatistas deslizando sobre o asfalto de regiões metropolitanas e também de cidades mais periféricas, acionando uma série de agitações decorrentes de suas presenças nas ruas. O jornal Band News, em agosto de 2012, de

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Carrinho é como os skatistas referem-se ao skate, artefato composto por uma tábua de madeira, o *shape*, anexada a dois eixos de ferro, os *trucks*, contendo rodas de poliuretano acrescentadas a rolamentos. Vários outros tipos de skate variam esse modelo, de *shapes* mais largos, de plástico, com e sem concaves; *trucks* mais largos, mais leves, que giram sobre o próprio eixo; rodas maiores, mais duras, siliconadas, que acompanham um remo simulando um *stand up* no asfalto, entre outros.

³ Para mais detalhes sobre a pesquisa populacional citada na revista, acessar: <http://www.cbsk.com.br/Dados>.



Curitiba/PR, publica matéria sob o título “Utilização de skate nas ruas de Curitiba divide opiniões”, em que apresenta a denúncia à polícia como uma das mais adequadas formas de intervir nas ocupações “impróprias” das ruas pelos skatistas. Em Santa Catarina, o jornal *Amorim* publica matéria, em junho de 2013, intitulada “Skatistas andam nas ruas de Sombrio colocando suas vidas em risco”, anunciando esses sujeitos como responsáveis pela depredação de patrimônios públicos. Em abril de 2012, o jornal G1 de São Paulo publica matéria, sob o título “Prefeitura de SP faz obra em rua na Zona Oeste para afastar skatistas”, noticia a colocação de paralelepípedos na ladeira de Joanópolis, uma rua bastante utilizada à prática do skate. Fora do Brasil, o canal “Olho de Peixe”, publica vídeo de skatistas de Barcelona/ESP, afirmando “dureza dos policiais para com o skate nas ruas”, além de uma possível tentativa de “tirá-los das ruas” pela prefeitura, através da construção de uma skatepark. Na cidade de Rio Grande/RS, uma audiência pública, na Câmara de Vereadores, em setembro de 2013, discutiu a “situação da prática do skate”, a partir da necessidade de implementação de espaços específicos à prática, chamados de pistas de skate⁴.

No campo da produção acadêmica, destaco os estudos de Brandão (2008), o qual construiu uma história cultural do skate no Brasil, a partir de revistas que anunciam a prática desde meados dos anos 60, relacionada a episódios de conflito com o poder policial e articulada a uma figura identitária do skatista enquanto “rebelde”. Soares e Brandão (2012) discorrem que, na atualidade, a prática vive um deslocamento na direção de uma “voga esportiva”, a qual tem na implementação de pistas de skate e na concessão de bolsas a skatistas, através do programa Bolsa Atleta⁵, duas de suas principais intervenções.

Outro estudo, realizado na cidade de São Paulo/SP, por Giancarlo Machado (2012) demonstra uma série de investidas da prefeitura visando disciplinar os corpos dos skatistas de

⁴ As pistas de skate são construções de concreto, madeira ou metal, contendo obstáculos, rampas, transições, corrimãos, escadas, entre outros, cujo desenho busca imitar os encontrados nas ruas. Há também os *bowls* e *snakes* nessas pistas, arquiteturas arredondadas com um desenho bastante próximo de uma piscina vazia. Estudo anterior, realizado na cidade de Rio Grande/RS, apontou que, até meados dos anos 90, eram os próprios skatistas que construíam suas pistas e obstáculos em pátios residenciais e espaços de chão liso ocupados pela cidade. Logo, tornaram-se mais recorrentes as reivindicações de pistas ao poder público, sob o argumento de que o skate é um esporte e goza do direito de receber do Estado um espaço para sua realização (TEIXEIRA, FREITAS, 2014)

⁵ Para mais informações sobre o programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte, consultar: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/default.jsp>



rua⁶ em pistas de skate, proliferadas desde as regiões centrais às periféricas da cidade. Articulada a essas construções, organizou-se uma política pública de skate para a cidade, contendo ações como circuitos anuais de competição, criação do cargo de “gerente do espaço público” e implementação de escolinhas de skate nessas pistas.

Foi atenta a essas agitações, enquanto possibilidades de potência de vida, de criação e de análise, que pude vislumbrá-las num processo de investigação. Olhei esses efeitos e o caráter de problema e conflito conferido à ocupação das ruas por esses sujeitos como possíveis arranjos de uma composição histórico-cultural.

O melhor que temos à fazer é levar adiante as tensões e bloqueios e usá-los como oportunidades criativas para o revigoramento (...) assim, quando Deleuze privilegia problemas o propósito é mostrar-nos como o pensamento é um modo de descobrir um caminho singular através de uma série de tensões nas quais estamos imersos (GALLO, 2013, p. 99-100)

Sintonizada com autores da vertente pós-estruturalista, dirigi meu olhar a algumas figuras presentes nesses acontecimentos – certos funcionamentos “normais” da cidade, a disposição do espaço urbano e as relações com a segurança - como produtos de um *aquário* que assujeita a vida na atualidade. Paul Veyne (2011) se utiliza da metáfora do aquário para falar do único *a priori* que Foucault reconhecia em suas pesquisas: o *a priori* histórico. Suas paredes seriam esse momento histórico em que vivemos, que nos possibilita ver, dizer, saber e fazer determinadas coisas e não outras. Estamos sempre submetidos a esse *a priori* histórico e não somos sujeitos fora do discurso ou de nosso tempo. O máximo que alcançamos é, talvez, saber da existência dessas paredes de vidro e tentar borrá-las para torná-las mais visíveis, pois “como não podemos pensar em qualquer coisa em qualquer momento, pensamos apenas nas fronteiras do discurso do momento. Sempre somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes” (VEYNE, 2011, p. 49)

Passei a problematizar, numa perspectiva foucaultiana, o caráter de problema conferido a essas práticas no presente, procurando conectá-las à contingência histórica na qual estão inseridas. Aciono também outros autores que, sintonizados com as concepções mencionadas, nos ajudam a pensar em outras composições possíveis. Deste modo, esse estudo

⁶ A Confederação Brasileira de Skate (CBSK) reconhece a prática do skate na rua e a institucionalizou como uma das dez modalidades de skate existentes e como a mais praticada no Brasil, chamada também de skate *street*. Nessa modalidade, as ruas e seus múltiplos desenhos urbanos constituem o principal cenário de prática, mesmo que as propostas de pistas de skate venham na atualidade, muitas vezes, intentando artificializar a rua num espaço delimitado e fixo.



teve por objetivos mapear processos de ocupação das ruas pelos skatistas da cidade de Rio Grande/RS⁷, atenta aos efeitos e relações que suas ocupações vêm produzindo nas cidades e nos seus modos de viver. As ruas foram entendidas a partir da noção dos próprios skatistas: todos os espaços skatáveis possíveis à realização de manobras ou deslizares, com exceção das pistas de skate. Ocupar as ruas, para esses sujeitos, trata-se de ocupar espaços múltiplos que lhes afete e que não tenha sido criado enquanto pista, esses equipamentos urbanos implementados para a prática do skate nas cidades.

O referencial teórico-metodológico da investigação foi uma operação cartográfica, de inspiração teórica-política em Guattari e Rolnik (2013) e Deleuze e Guattari (1995), e procedimental, a partir da obra de Passos, Kastrup e Escócia (2012). O corpus de análise são três cenas urbanas recortadas de um território existencial⁸ estudado e experimentado pela cartógrafa-skatista-pesquisadora: Cena 1 – O skate na rua previsto em lei; Cena 2 – Skate na praça: o espaço (in)desejado e Cena 3 – Embates pelo local: skatistas nem tão iguais e nem tão diferentes.

Deleuze e Guattari (1995) apresentam uma série de características para pensarmos numa composição cartográfica da realidade a partir da metáfora do rizoma, traçado como forma de afastamento a uma tendência arborescente. O rizoma, com suas seis características aproximativas na composição de outro pensamento sobre a realidade⁹, tem, na cartografia, o seu método de criação, ancorado na produção de territórios existenciais e de linhas de produção de subjetividades, sempre dinâmicos e processuais.

A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e poder, que pode por vezes ter a pretensão

⁷ Mesmo que essas ocupações das ruas pelos skatistas tenham sido identificadas para além de um solo geográfico delimitado, investi a pesquisa na cidade de Rio Grande/RS como um recorte metodológico necessário, pela densidade de acontecimentos que me fornecia. Destaco que, no período de realização da pesquisa, a cidade passava por um intenso *boom* populacional, pela migração de mais de 20 mil trabalhadores, decorrentes da implementação de um Pólo Naval, produzindo um aumento do número de carros, de pedestres, da circulação e fluxo nas ruas, além de outras demandas de controle urbano, como pavimentação e construção de moradias em locais antes inóspitos.

⁸ Alvarez e Passos (2010) anunciam o território existencial como um *ethos* de morada e estilo, composto por personagens rítmicos e paisagens melódicas. Diferente do território geográfico, fixo, bem delimitado, o existencial apresenta uma expressividade: “As paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo a paisagem. Assim, se está em constante processo de produção. O território é antes de tudo um lugar de passagem” (p. 134).

⁹ São as seis características aproximativas do rizoma: Princípio de conexão e de heterogeneidade; da multiplicidade; da ruptura assignificante; da cartografia e decalcomania. Para mais, consultar Deleuze e Guattari (1995).



ilegítima de ser centro de organização do rizoma. No entanto, o rizoma não tem centro (PASSOS, KASTRUP, ESCÓCIA, 2012, p. 10)

As passagens em *itálico* referem-se aos dados retirados do diário de campo da investigação, que percorreu acontecimentos na cidade de Rio Grande/RS, durante os anos de 2013 e 2014. Foram considerados skatistas todos aqueles sujeitos que, portando um skate ou não, assim apresentavam-se nos espaços de experiência em que convivi, de todas as idades, modalidades e outras apresentações possíveis. As intensidades percebidas nas relações entre skatistas e rua constituíram o marcador investigativo ao seu registro e mapeamento. “Intensidades são os graus das sensações conforme elas se relacionam com estruturas atuais: como elas são significativas diferentemente para cada indivíduo. Diferentes eventos são intensos de diferentes maneiras para cada um de nós” (GALLO, 2013, p. 105), produzindo cartografias singulares. As análises foram feitas a partir de agenciamentos que estabeleci entre os dados e as contribuições teóricas dos encontros e intercessores teóricos gerados.

CENA 1 – O SKATE NA RUA PREVISTO EM LEI

No início de 2014, um vídeo é publicado numa rede social por um skatista que manobrava nas calçadas de uma das ruas da cidade de Rio Grande. O vídeo mostra abordagem de um guarda municipal solicitando que o menino parasse de andar naquele lugar. O skatista, indignado, questiona o motivo da intervenção: “Quem disse que não pode andar de skate nas calçadas?”, o policial responde afirmando a existência de uma Lei Orgânica, chamada “Código de Posturas Municipal”, instituída em 1980, pelo prefeito daquele momento. O guarda afirma que, segundo a mencionada lei, o skate pode ser enquadrado como objeto de desordem do trânsito ou ainda de depredação do patrimônio público. O skatista, mesmo indignado, deixa o local e posta a filmagem na rede social, intitulado a lei e a medida como antiquadas. Como um dos efeitos dessa publicação na rede social, organizou-se, após algumas semanas, uma reunião aberta na Praça Tamandaré¹⁰ entre skatistas e vereadores convidados para discutirem uma possível atualização da lei, desta vez, pensada a partir da possibilidade de exercer a prática do skate em lugares públicos. Como o vereador convidado não pôde comparecer, não houveram encaminhamentos por parte do poder público e, os

¹⁰ Praça central onde, por muitos anos, skatistas tiveram seus skates apreendidos pelos guardas municipais, quando encontrados manobrando nos monumentos ou nos calçamentos.



skatistas, conversaram sobre as dificuldades em andar de skate na rua, especialmente, numa cidade “sem pistas”¹¹.

Essa cena me despertou uma potente curiosidade: o que faz com que os skatistas queiram mesmo pautar-se pela lei? Como é possível que se incomodem com a ação de violar uma lei vigente ao ponto de reivindicarem uma modificação jurídica como elemento importante às suas práticas nas ruas?

Essas questões me levaram a pensar com Márcio da Fonseca (2010), o qual anuncia o presente como a época da norma, instituída por mecanismos de normalização disciplinares e biopolíticos, com técnicas específicas e coexistentes de regulação e constituição dos sujeitos modernos. Enquanto a normalização disciplinar demarca espaços, controla o tempo, estabelece sequências, conduzindo ao controle e adestramento permanentes, a normalização biopolítica atua no ajuste entre diferentes distribuições de normalidade de uma população, de um “corpo biológico de várias cabeças” (FOUCAULT, 2005, p.292). Assim, a cidade, torna-se, na modernidade, “o espaço da segurança (...) um modo de tratamento e organização urbana específico” (EWALD, 1993, p. 88), constituído no cruzamento e articulação entre normalização disciplinar e biopolítica.

A norma não se confunde com as estruturas formais do direito ou com o sistema jurídico. Para Fonseca (2010), “cabem, na abrangência de seu significado, as normas de comportamento, as normas sociais, as normas de conduta, as normas que regulam os saberes, as normas que prescrevem ações” (s/p). Porém, há de se questionar: “quais as relações entre a norma (disciplinar e biopolítica) e as estruturas formais de direito (as leis, por exemplo)?

A norma social, enquanto “arte de julgar” (EWALD, 1993, p. 78), é anterior a lei que a codifica. Assim, a separação objetiva de modos “normais” e “anormais” de ocupar e circular na cidade se produziu, na modernidade, por certo modo de funcionamento que se instalava pelos centros urbanos e industriais em meados do século XVIII, buscando assegurar

¹¹ Naquele momento, a cidade dispunha de três pistas de skate. Uma no bairro Parque Marinha, construída pela prefeitura, em 2002, que se encontrava bastante degradada. A da Perimetral, construída em 2011, também pela prefeitura, mas às pressas, num ano de eleição, e que não recebeu o *status* de pista pelos skatistas, pois apresentava obstáculos “inadequados”, como rampas que dão para lugar nenhum e corrimões altos, sem espaço para a entrada e saída de manobras e chão muito áspero. A terceira é a da Associação de Skatistas de Rio Grande (ASK-RG), fundada em 1991, mas que, naquele momento, encontrava-se fechada para reforma. Mesmo com essas três, não era raro ouvir dos skatistas que a cidade “não tinha pistas”, pois nenhuma delas caracterizavam-se como uma pista de skate de qualidade, que os satisfizessem e saíssem das ruas.



determinadas funções, como a higiene, os fluxos e a disposição ordenada de uma população que emergia e se concentrava (FOUCAULT, 1979). Logo, skatear pela calçada ou pelas vias de trânsito desafia uma normalidade instituída sobre esses espaços, pois tais arquiteturas tiveram suas funções pensadas a partir de um aquário específico, que produzia a cidade como o espaço da ordem, da higiene e da segurança, isto é, “separar a boa circulação e boas pessoas das más, impedir o crescimento desordenado e as idas e vindas de sujeitos flutuantes” (FOUCAULT, 2008, p.24) Assim, instala-se um processo de modelização e normalização da vida na cidade, a partir de uma série de necessidades sanitárias e de segurança (FOUCAULT, 1979). Nessa trama, a cidade pode se constituir de modo que tomemos como óbvio que pedestres circulem nas calçadas, os veículos, previstos em leis específicas, nas vias e cada coisa em seu lugar.

A arquitectura é o instrumento, a técnica, o dispositivo graças ao qual, na ausência de um soberano, haverá a possibilidade de uma objectividade do juízo de si sobre si próprio; aquilo graças ao qual esta objectividade – princípio de comunicação, valor dos valores, sentido dos sentidos – poderá constituir-se mediante um mecanismo de auto-referência (EWALD, 1993, p. 84)

Ao mesmo tempo em que o tensionamento provocado pela presença do skatista na calçada produziu uma espécie de fissura na norma - já que essa também sofre os efeitos das práticas que se criam nos fluxos e devires do presente – essa pôde conectar-se a outra linha de normalização, acionada pela reivindicação dos skatistas de que suas presenças sejam previstas em lei. Na medida em que esses sujeitos reconhecem na lei a legítima forma de manterem-se ocupando as ruas e chegam a ter suas presenças previstas em código, esses passam a subordinarem-se aos parâmetros de outro modo de controle, agora codificado, que vai produzir novas normas e desvios às suas presenças já regulamentadas. Assim, produz-se um bloqueio de outras possibilidades de ocupação das ruas e uma dependência dos modos institucionalizados e estatais de controle das suas condutas que, nessa cena, amparam-se no modelo jurídico da lei como reguladora incontestável da vida em sociedade.

CENA 2 : SKATE NA PRAÇA: O ESPAÇO (IN)DESEJADO

Um skatista organiza uma sessão de skate em um dos monumentos da Praça Xavier Ferreira como protesto à estacionada obra de reforma da pista pública do bairro Parque Marinha pela prefeitura. A praça é espaço de prática de skatistas há muitos anos, porém, são raras as



vezes em que guardas municipais não impedem a ocupação e circulação de skatistas. Nesse sentido, o idealizador do evento resolveu elencar um monumento em frente aos portões principais do prédio da prefeitura como local do evento justamente para provocar incômodos com a prática ali. A intenção era: inquietar os cidadãos e poder público com suas presenças, para, nisso, alertá-los de que só estão ali porque uma de suas pistas está interditada. Cerca de 50 skatistas ocuparam o local no dia. Para a surpresa da grande maioria, não houve manifestações de indignação por parte da população e muito menos pela prefeitura. Logo, o protesto que tinha por objetivo inquietar a cidade com suas presenças incômodas acabaram por não surtar os efeitos previstos e os skatistas, na praça, continuaram sem pista.

Essa cena me despertou para dois acontecimentos potentes no que se refere à ocupação de espaços pelos skatistas no presente: a insistente responsabilização do Estado na implementação das pistas de skate e a naturalização e consentimento, entre Estado e skatistas, da necessidade de um espaço específico à prática. Assim, organizar protestos contra a desassistência do poder público com vistas à garantia de espaços diminui a potência do próprio ato de ocupação da rua, ou, nesse caso, da praça, que, como já apresentado, engendra linhas de fuga¹² e provoca fissuras na normalidade instituída sobre a cidade e sobre os corpos que nela circulam.

Há de se reconhecer que o inimigo não está nos imperialismos dominantes. Ele está também em nossos próprios aliados, em nós mesmos, nessa insistente reencarnação dos modelos dominantes que encontramos não só nos líderes que nos defendem da melhor maneira possível, mas também em nossas próprias atitudes. (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 57)

Ao inserirem-se numa linha de normalização que os coloca, ao mesmo tempo, dependentes do Estado e de uma normalidade vigente instituída de que cada sujeito e grupo sociais necessitam de lugares específicos na cidade, deixam de atentar-se à vitalidade micropolítica que operam no mais inocente e cotidiano “deambular” pelas ruas e praças da cidade.

A questão é justamente colocar a micropolítica por toda parte – em nossas relações estereotipadas de vida pessoal, de vida conjugal, de vida amorosa, de vida profissional, nas quais tudo é guiado por códigos (...) A micropolítica, esses processos de transformação que se dão em diferentes

¹² As linhas de fuga são aquelas que desmancham e produzem mundos, modos de existir. Essas são a borda extrema de um dispositivo, podendo delinear a passagem de um dispositivo a outro, “franqueando limiares variados de desterritorialização nos modos dominantes de subjetivação” (KASTRUP, BARROS, 2012, p. 78)



campos da experimentação social às vezes podem ser mínimos e, no entanto, constituir o início de uma mutação muito maior (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 158)

A própria ocupação da praça como espaço possível à prática do skate produz um vetor de transformação numa normalidade que atravessa o funcionamento da cidade hoje. Porém, na cena em questão, o desejo de ocupação da rua perde vitalidade quando se passa a reivindicar a pista – essa arquitetura “maior” que comporta as presenças dos skatistas nas ruas e vem governando seus desejos. “O desejo tem infinitas possibilidades de montagem, de criatividade, mas que também podem entrar em processos de implosão, de normalização” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 204).

Assim, o desejo se constitui, também, como “motor de ação que faz com que a população seja tomada em um conjunto” (FOUCAULT, 2008, p. 95), constituída de públicos, grupos de indivíduos aproximados por interesses em comum, permitindo que seja possível que, ao mesmo tempo, cada sujeito expresse seus interesses (desejos) e sejam coletivamente governados. A cena urbana demonstrada, em que skatistas reconhecem-se enquanto grupo - público de uma população - e passam a desejar seus espaços e assistência ao Estado, torna evidente a “produção do interesse coletivo pelo desejo e a artificialidade dos meios criados para geri-la” (FOUCAULT, 2008, p. 95). Na medida em que o desejo dos skatistas ampara-se nessa repetição do desejo de pistas e de assistência do Estado mais se inserem em linhas de normalização e de adestramento de suas condutas.

Logo, abandono a noção de desejo como produto de uma suposta autonomia do sujeito mas sim, como agenciamento maquínico. “Há uma tentativa de eliminar aquilo que eu chamo de processos de singularização. Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referenciação” (ROLNIK, GUATTARI, 2013, p. 53). Nesse sentido, o desejo é produzido coletivamente, numa maquinaria constante de fabricação de desejos úteis ao aquário em que estamos submetidos. Não por acaso as ruas hoje vêm sendo desocupadas e as pistas de skate cada vez mais desejadas e habitadas por esses sujeitos.

CENA 3: EMBATES PELO LOCAL: SKATISTAS NEM TÃO IGUAIS E NEM TÃO DIFERENTES



Como um dos resultados da Audiência pública realizada em setembro de 2013 sobre a situação da prática do skate em Rio Grande, encaminhou-se uma comissão visando acompanhar e auxiliar a prefeitura nas demandas apresentadas. Desde o primeiro encontro, todos se mostraram em consenso com relação à pauta principal: a construção de uma pista “de qualidade” para a cidade. Porém, quando foi preciso efetivar a localidade do município a ser implementada a tal pista ocorriam embates intensos, entre dois grupos de skatistas que compunham a comissão e defendiam, de um lado, a construção na Praça Saraiva e, de outro, no Balneário Cassino. De um lado, argumentava-se que a Praça Saraiva era central na cidade, próxima às rotas do transporte coletivo e já apresenta tradição na prática de esportes. Do outro, a pista deveria ser feita no Cassino porque iria promover o turismo da região e facilitar o convencimento à Federação Gaúcha de Skate sobre a pertinência de competições por lá. Muitas discussões foram feitas nesse sentido pontuando as vantagens e desvantagens de cada proposta, junto a alguns xingamentos e ofensas entre os grupos dissidentes. Ao final de algumas reuniões, a comissão acordou que o Cassino seria sede da pista prometida. Os skatistas em disputa, também idealizadores de grupos de skate distintos, mantiveram suas discórdias para além do assunto e, com frequência, trocam farpas quando se encontram através de falas e posições sobre o que é ser um “skatista de verdade”, bem como o que é mesmo o “skate de verdade”.

Dessa cena, destaco uma potente intensidade percebida: a formação de grupos de skatistas numa tendência crescente de se proliferarem e se subdividirem¹³ em variações grupais de modo de ser skatista. Notei, através dos embates da comissão pela escolha do local de implementação da pista, que os lugares de prática dos skatistas vão além da disponibilidade de um bom pico¹⁴ e se estendem a processos diferenciais que se dão entre si, como preferências geográficas, que vão desde a região central ao balneário do município, e

¹³ Estudo anterior demonstrou, a partir de depoimentos de alguns dos skatistas mais antigos da cidade, que a constituição de grupos, desde os anos 80, esteve relacionada à ocupação de determinado local e/ou modo de ser skatista (TEIXEIRA, FREITAS, 2014). Na atualidade, essa configuração se manteve. Alguns exemplos são a “VS Family”, sigla de Valporto Skateboards, nome da rua em que esses skatistas, na maioria, moradores do centro da cidade, iniciaram na prática; “Guigs’ Plaza”, sigla de Praça do Guilherme, localizada numa quadra poliesportiva ocupada no balneário Cassino e equipada com obstáculos móveis pelo skatista que tem seu nome no espaço; e a “Skate pra frente vida sem crack”, grupo e projeto de skatista do Parque Marinha, periferia da cidade, que teve sua logomarca e nome desenhados por toda a fachada da pista pública deste bairro.

¹⁴ Pico é como se referem a um bom lugar pra andar de skate, de características como chão liso, obstáculos, encontros de skatistas, entre outras. Portanto, todos os espaços ocupados e tornados skatáveis são picos.



modos de ser skatista, legitimados pelo auto nomeação de skatista “de verdade”, em oposição a outros modos “de mentira”. Essas incompatibilidades identitárias visíveis nos encontros da comissão produziam vetores de diferença e desmontagem do sujeito universal skatista e de uma suposta tribo representacional de suas condutas. Não há “o skatista”, ou “o grupo” dos skatistas, mas há vários, plurais skatistas e grupos. No entanto, ao mesmo tempo em que produziram tais linhas de variação, sedimentaram-se, num enraizamento de dissidências entre grupos, no fortalecimento de subconjuntos de skatistas, atrelados aos seus picos específicos e identidades diversas.

Logo, não se trata de multiplicidade, mas “mais do mesmo”. “Toda vez que uma problemática de identidade ou de reconhecimento aparece em determinado lugar, no mínimo, estamos diante de uma ameaça de bloqueio e de paralisação do processo” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 87). Nesse sentido, o problema da identidade se coloca. Ao mesmo tempo em que se diferenciam entre si, identificam-se na afirmação de suas diferenças, subjugadas a territórios vividos em grupos de skate específicos. “A identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável” (p. 80). Os skatistas da comissão se produziam nem tão iguais, já que o dissenso entre eles predominava, mas nem tão diferentes, pois mesmo diferenciando-se em grupos de skate, mantinham-se diante da necessidade de pertencimento a um grupo, que circunscreve novos limites e possibilidades.

Quando assumimos uma identidade, sujeitamos o desenvolvimento de nossa potência de vida aos desejos, as idéias e as formas de vida próprias dessa identidade que se incorpora em nós. Aprisionamos a vida. O devir começa quando rompemos as linhas rígidas do ser. Todos os devires (singularidades) são minoritários e não estão mais guiados pelas identidades. (MAITE, 2009, p. 57)

Nessa cena, problematizo que, mesmo que os quadros de referência sejam mais de um, que exista uma variada gama de grupos de skate para filiar-se e identificar-se, eles continuam existindo como importante demarcador e limitador do skatista, como um potente inibidor de singularidades. Esses processos diferenciais poderiam resultar na produção de outras linhas de criação. Assim, tornar-se-ia possível produzir diferenças ainda mais radicais, como o esvaziamento da própria necessidade de existência dos grupos como instâncias representativas e verdadeiras dos sujeitos skatistas e da própria necessidade de contornos de si.

PÓS-FACIO DE UMA TRAMA



A partir dos objetivos traçados, chego em algumas considerações provisórias acerca dos modos pelos quais os skatistas vêm sendo constituídos na atualidade, pelos efeitos e relações de suas presenças nas ruas. A primeira delas, desenvolvida na cena 1, referiu-se às ressonâncias de um certo modo de funcionamento da cidade moderna, especialmente, através da figura da lei, nas práticas atuais dos skatistas nas ruas, tendo em vista uma sociedade de normalização que investe nas práticas desses sujeitos sem cessar. A segunda, apresentada na cena 2, dou destaque as práticas maquínicas de produção do desejo que forjam a necessidade de assistência do Estado e das pistas como espaço “maior” no lugar de múltiplas possibilidades de relações com o urbano. Na cena 3, apresento o problema da identidade. Há uma tentativa, aqui, de abalar e dissolver a idéia de representação, através de uma variedade de grupos de skate e da nomeação disputada entre “skatista de verdade”. Logo, não é possível falarmos em “o skatista” no singular, há uma pluralidade desses. O que ocorre é que as variações conferidas entre modos de ser skatista acabam sendo enquadradas em outras identidades. A identidade, mesmo que plural, normaliza. Assim, espero que as considerações e análises realizadas dêem abertura para a composição de outras cartografias possíveis sobre esses sujeitos, a partir de outros problemas gerados, não para resolvê-los, limpá-los do nosso alcance, mas para tensioná-los e utilizá-los como estratégias de vazamento e desmanche dessas figuras que não cessam de modelizar e estruturar a vida em sociedade.

Urban Scenes: Street Occupation Process for Skaters in the City of Rio Grande/RS

ABSTRACT

The skaters are becoming increasingly present in the cities, making evident a number of effects with regard to its occupation of the streets. In this sense, this study aimed to map the streets occupation process in the city of Rio Grande/RS, paying attention to the effects and relations which they are producing with the city and in their lifestyle. The philosophical cartography was utilized as theoretic-methodological referential. I emphasize the normalization lines operated for the skaters in their relationships with the urban space of the city and they between each other, presenting the possibilities of escape lines in front of a plot marked by desire of normalize in space and for the space.

KEYWORDS: skaters, city, normalization

Escenas Urbanas: Procesos de Ocupación de las Calles por los Skatistas de la Ciudad de Rio Grande/RS



RESUMEN

Los skatistas se tienen convertido cada vez más presentes en las ciudades, evidenciando una serie de efectos en lo que se refiere a sus ocupaciones en las calles, En ese sentido, ese estudio visó mapear procesos de ocupación de las calles por los skatistas de la ciudad de Rio Grande/RS, atentando a los efectos y relaciones que esos vienen produciendo junto a la ciudad en sus maneras de vivir. La cartografía filosófica fue utilizada como referencial teórico-metodológico. Destaco líneas de normalización operacionalizadas por los skatistas en sus relaciones con el espacio urbano de la ciudad y entre ellos mismos, presentando posibilidades de líneas de escape delante de una trama señalada por deseo de normalizar en el y por el espacio.

PALAVRAS-CLAVE: Skatistas; Ciudad; Normalización

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 131-149.

BRANDÃO, L. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Revista de História de Esporte**, v. 1, n. 2, dez/2008.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1**, São Paulo: 34, 1995.

EWALD, F. Foucault e a norma. In: EWALD, François. **Foucault: a norma e o direito**. Lisboa: Veja, 1993, p. 77-125.

FONSECA, M. **A época da norma**. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-epoca-da-norma/>. Acesso em: 05 de maio de 2013.

FOUCAULT, Michel. Aula de 11 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.03-39.

_____. Aula de 25 de janeiro de 1978. In: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**: curso College de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 73-116.

_____. Aula de 17 de Março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 285-316.

_____. O Nascimento da Medicina Social. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 79-99.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. 3.ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2013.



GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MACHADO, G. De skate pela cidade: quando o importante é não competir. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 21, 2012, p. 171-188.

MAITE, L. **O desejo segundo Gilles Deleuze**. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SOARES, C. BRANDÃO, L. Voga esportiva e artimanhas do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

TEIXEIRA, J. **Memórias da prática do skate em Rio Grande/RS: geopolíticas, arquiteturas e skatistas**. Monografia. Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

VEYNE, P. Só há a priori histórico. In: VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 43-65.

Sites:

Pesquisa Instituto de Pesquisa Data Folha. Praticantes de skate, 2009. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/> . Dados. Acesso em 12 de março de 2015.

O skate cresce no Brasil. Cemporcentoskate, 2012. Disponível em: <http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto/o-skate-cresce-no-brasil> . Acesso em 12 de março de 2015.

Utilização de skate nas ruas de Curitiba divide opiniões. Band News, 2012. Disponível em: <http://bandnewsfmc Curitiba.com/2012/08/13/utilizacao-de-skate-nas-ruas-de-curitiba-divide-opinioes/> . Acesso em 12 de março de 2015.

Skatistas andam nas ruas de Sombrio colocando suas vidas em risco. Jornal Amorin, 2013. Disponível em: <http://www.jornalamorim.com.br/Comunidade/1267/Skatistas-andam-nas-ruas-de-Sombrio-colocando-suas-vidas-em-risco.html> . Acesso em 12 de março de 2015.

Prefeitura de SP faz obra em rua na Zona Oeste para afastar skatistas. G1 São Paulo, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/04/prefeitura-de-sp-faz-obra-em-rua-da-zona-oeste-para-afastar-skatistas.html> . Acesso em 12 de março de 2015.

Les courts skatepark. Olho de peixe, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8yyZTc-l8fs> . Acesso em 12 de março de 2015.

Programa Bolsa Atleta. Ministério do Esporte. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/default.jsp> . Acesso em 30 de março de 2015.